REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
DEZEMBRO
NÚMERO 52
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
ARTE EDUCAÇÃO E PERFORMANCE

DA ESCOLA AO PALCO: RELAÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E AS DANÇAS, A PARTIR DO FESTIVAL DANÇA ESTUDANTES

FROM SCHOOL TO STAGE: RELATIONS BETWEEN EDUCATION AND DANCES, FROM THE FESTIVAL DANCE STUDENTS

Rodrigo Lemos Soares
Denise Prado Costa
Billy Graeff Bastos

Resumo: O texto objetiva saber de que maneira os profissionais que participaram de todas as edições do Festival Dança Estudantes tecem relações entre as danças e a Educação. Realizamos entrevistas semiestruturadas com três professoras concursadas e dois oficineiros vinculados a Prefeitura Municipal para posterior ação da Análise de Conteúdo. Para eles, além do princípio técnico ou artístico, ensinar danças chega em saberes estéticos que humanizam os estudantes ao propor desafios que confrontam seus contextos de vida para produzir danças nas escolas. Nesse pensamento, as relações entre danças e Educação extrapolam a pesquisa e ação docente, pois, possibilita intercâmbios nas posições de sujeito, nas quais todos aprendem e ensinam pelas danças.

Palavras-chave: Educação. Danças. Festival interescolar.

Abstract: The text aims to know how the professionals who participated in all editions of the Festival Dance Studants weave relationships between dance and Education. We carried out semi-structured interviews with three teachers who were public servants and two workshops linked to the City Hall for further action of Content Analysis. For them, in addition to the technical or artistic principle, teaching dance arrives at aesthetic knowledge that humanizes students by proposing challenges that confront their life contexts to produce dances in schools. In this thought, the relations between dances and Education go beyond research and teaching action, as it enables exchanges in subject positions, in which everyone learns and teaches through dances.

Keywords: Education. Dances. Interschool Festival.

Primeiros passos: ocorrências introdutórias

As relações entre danças e Educação são evidenciadas em contextos educativos como instrumentos transformadores da aprendizagem cognitiva e social (Marques, 2010). Ensinar pelas danças “[...] deixou de ser somente uma formação artística, e passou a fazer parte do desenvolvimento como ser humano consigo mesmo, com o outro e com seu meio [...]” (Morandi, 2006, p.23). Não obstante, na cidade do Rio Grande/RS, as danças em contextos escolares, vem crescendo e conquistam, cada vez mais, adeptos desta arte tão intensa e necessária (Paludo,

2007), principalmente entre escolas de educação básica da rede pública municipal de ensino sobre as quais voltamos nossos olhares.

Por isso, é possível depreender que elas se desenvolvem, concomitante a humanidade. Na esteira dessas proposições, as danças, dentro de seus períodos históricos desenvolveram modalidades e gêneros, os quais são reiterados, principalmente, em eventos, geralmente, competitivos. No interior do Rio Grande do Sul, no município do Rio Grande, temos o Festival Dança Estudantes (FDE) que ocorre desde o ano de 2017. É sobre os acontecimentos desse evento que esta escrita foi desenvolvida, ao dedicarmo-nos as análises para saber de que maneira os(as) profissionais que participaram de todas as edições do FDE tecem relações entre as danças e a Educação.

Os sujeitos do estudo utilizam as danças como conteúdo dentro da disciplina de Educação Física como no caso das professoras V.X., M.O.P., L.S.S. e os oficineiros, G.B.F. e J.A.F., que atuam através de projetos e programas, como atividades extraclasse, no turno inverso ao da escola. Percebo que esses movimentos ratificam que “[...] deixar de oportunizar aos alunos a experiência da dança é deixar uma lacuna tanto no seu processo educativo quanto no seu desenvolvimento pessoal [...]” (Kleinubing; Saraiva, 2009, p.211). Buscamos entender, através das entrevistas realizadas com estas pessoas, como é desenvolvido o trabalho realizado nas escolas, através das composições coreográficas apresentadas no FDE, ao longo dos anos de 2017 a 2021. Escrever sobre relações possíveis entre danças e Educação, parte de problematizações dos saberes que cada participante sustentou nas suas narrativas. Articulamos experiências e trajetórias que atuam diretamente sobre os corpos e, consequentemente, modos de ser, que nesse momento refletem esse cuidado de si que propusemos pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016).

Identificamos uma categoria ao reunir as recorrências nas falas dos(as) entrevistados(as), conforme indicado por Bardin (2016). Utilizamos excertos das narrativas de modo articulado com as referências de base. Eles estão colocados no corpo do texto grifados em itálico com a indicação do nome de quem pronunciou, ao



final. Abordar as danças e a Educação à respeito de contextos que possibilitam enaltecer as manifestações enquanto elemento formativo dentro das escolas. Implica em reiterar que cultura é Educação, tal como exposto por Soares (2021).

Danças e Educação: relações estreitadas pelo fazer artístico no interior das escolas

"A dança ensina limites, valores e a união entre pessoas, desenvolve a empatia, o companheirismo, a união entra tantas outras coisas, essenciais na formação do educando [...] é mais do que movimentos embalados por um ritmo [...]" (M.O.P.). Ao partilhar essa narrativa afirmo que, para que se possa educar, as danças na escola não podem ser consideradas como apenas um conjunto de movimentos, pois, dança é arte, é conhecimento e é linguagem, tendo potencialidades a serem compartilhadas entre os sujeitos, de forma construtiva, no ambiente escolar, isso porque, "[...] o corpo que dança e o corpo na dança tornam-se fonte de conhecimento sistematizado e transformador [...]" (Marques, 2007, p.25). Os saberes advindos das danças perpassam caracteres afetivo-sociais, os quais, entram em diálogo com o desenvolvimento afetivo dos sujeitos que se envolvem com elas e seus subgêneros.

Analisando as histórias da humanidade, apreendemos o que as danças se fazem presentes na vida das pessoas, sempre com a influência das culturas e contextos históricos, pois, elas permitem "[...] identificar e discutir o cotidiano e os preconceitos referentes à dança oriundos na comunidade, com o intuito de promover reflexões que são pertinentes à prática educativa [...]" (Ferraz, 2003, p.117). *"A dança é com certeza um agente educador e transformador num nível cultural porque a gente apresenta e conhece, também como coreógrafo, outras culturas porque a gente também tem que estudar e apresentar para os alunos da gente. A dança é um agente educador e transformador, abrindo portas para que outros mundos apareçam, convivendo com outras pessoas, com diferentes gêneros, etnias e classes sociais [...]" (V. X.).* Tadra (2012) salienta que, com o tempo a prática da dança ganhou outro significado, despertando a sensação do prazer. Ela ganha um



sentido mais artístico e passa a ser utilizada como uma maneira de expressar sentimentos em relação a algo.

As danças possibilitam o entendimento de que aprender é expressar-se e isso ocorre pelo corpo, pelo movimento. *"A dança educa o corpo e o caráter pelo autoconhecimento. Ela ensina a trabalhar em equipe [...] ensina o ser humano. O educar e o ensinar andam juntos na área da dança, porque tu aprendes o que é trabalhar em equipe, a ter uma educação motora, uma educação pessoal. Então, acho que as duas coisas trabalham juntas [...]" (J.A.F.).* Nessa perspectiva, o papel da dança na educação é "[...] contribuir com o processo ensino e aprendizagem, de forma a auxiliar o(a) aluno(a) na construção do seu conhecimento [...]" (Fernandes, 2006, p.57). *"[...] A dança educa em tudo. Quem consegue entender através do movimento, ganha uma Educação em todos os sentidos [...]" (V.X.).* Isso porque, a articulação entre os aspectos do campo da sensibilidade com os da cientificidade das danças "[...] do movimento dançado ao seu próprio contexto, os alunos problematizam e transformam percepções acerca do corpo e da dança, por meio de arranjos que permitem novas visões de si e do mundo [...]" (Brasil, 2017, p.195) pela via das práticas sociais educativas (Soares, 2021).

Em se tratando das danças no Brasil, especificamente no espaço escolar, Zagonel (2012) escreveu que, inicialmente, as práticas tinham um perfil meramente de entretenimento e festivo nas escolas, sendo praticadas em alguma data comemorativa, e dificilmente eram vistas como uma atividade importante para a formação de estudantes. Esse olhar foi, aos poucos, se modificando através de influências de movimentos sociais, artísticos e culturais, como a Semana de Arte Moderna de 1922. Freire (1996) foi um crítico ativo dos sistemas escolares tradicionais, os quais excluíam a participação da família, da comunidade e principalmente dos(as) alunos(as) nos processos de ensino. Portanto, possibilitou debates acerca de novas práticas educativas com a participação de professores(as) e estudantes nos processos de reestruturação das escolas. Essas ações foram desafios, pois a partir desse momento da história da Educação brasileira as danças passam a ser incluídas no espaço escolar, como sociabilidades (Marques, 2019).

Na década de 1980, Ossona (1988), já defendia nos seus textos e reflexões, que as danças permitem que mesmo o(a) professor(a) que nunca teve um contato direto com alguma modalidade e estilo, possa implementar um trabalho artístico nas suas práticas dentro da escola, basta ter força de vontade e criatividade. E desde esse período, em que as danças foram introduzidas no ambiente escolar, as relações entre danças e Educação têm sido problematizadas, isso porque, somos entendidos como um país extremamente dançante, no qual as músicas e as danças fazem parte do cotidiano do povo brasileiro (Marques, 2019). Em vista desse cenário o(a) professor(a) presente no espaço escolar precisa sim ser um(a) articulador(a) do mundo social, cultural e político com a realidade dos(as) estudantes. As danças, então, precisam dialogar com a bagagem que cada um(a) traz para dentro da escola (Setenta, 2008).

Foi na década de 1990, que a educação da arte no espaço escolar passou a ter novos rumos. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) [LDB 9394/96], foi então reconhecido o ensino de arte como componente curricular obrigatório em todos os níveis da educação básica. Na proposta era contemplando a música, as artes visuais, a dança e o teatro, tendo como objetivo "[...] promover o desenvolvimento cultural dos alunos [...]" (Tadra, 2012, p.43). Marques (2012) destaca que mais tarde, em 1997, foi realizada a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997), nos quais as danças foram mencionadas pela primeira vez em documento educacional no Brasil, como componente curricular de arte. Nesse contexto elas passam a ser entendidas como um meio de desenvolvimento das capacidades humanas de expressão e criação (Marques, 2019).

Nesse sentido, entendemos que a escola tem um papel importante no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, para que os(as) estudantes tenham consciência dos seus corpos possibilitando vivências que colocam em xeque representatividades de suas emoções, histórias, culturas e as estruturas que possibilitam, em alguma medida, a construção de suas identidades (Soares, 2021). Desse modo as danças e a Educação *"[...] estão diretamente ligadas, não só pela*

questão pedagógica, afinal a dança é um objeto de estudo, que se ensina, que se aprende, mas também pelo fato que, através dela e da maneira como podes utilizar desse objeto, pode acarretar outros conhecimentos, de outras áreas e isso depende qual é a proposta do(a) professor(a)/ instrutor(a) [...]" (G.B.F.).

Articulamos ao argumento acima destacado a complementação reflexiva do participante ao questionar *"Quais as estratégias pedagógicas que ele(a) utiliza e o que busca com o ensino da dança? [...] um objeto de estudo em que se ensina e, ao mesmo tempo, se aprende. Através da dança pode-se acessar outros conhecimentos. A dança pode ressignificar educativamente na vida de quem a pratica [...]" (G.B.F.).* Para tanto, pensamos que seja,

> [...] essencial àqueles que estudam o movimento no palco cultivarem a faculdade de observação, o que é de muito mais fácil consecução do que geralmente se acredita. Os atores, bailarinos e professores de dança usualmente possuem tal capacidade como dom natural, a qual, no entanto, pode ser refinada a tal ponto que se torne inestimável para os objetivos da representação artística. É obvio que o procedimento do artista ao observar e analisar o movimento e depois ao aplicar seu conhecimento difere em vários aspectos do procedimento do cientista. Mas é muitíssimo desejável que se dê uma síntese das observações artística e científica do movimento já que, de outro modo, a pesquisa sobre o movimento do artista tende a especializar-se tanto numa só direção quanto a do cientista em outra. Somente quando o cientista aprender com o artista o modo de adquirir a necessária sensibilidade para o significado do movimento, e quando o artista aprender com o cientista como organizar sua própria percepção visionária do significado interno no movimento, é que haverá condições de ser criado um todo equilibrado. (LABAN, 1978, p.154).

As danças, ao serem inseridas como prática escolar, não pretendem formar bailarinos e bailarinas profissionais (Haas; Garcia, 2006) é uma possibilidade de aprender e expressar-se pelo movimento. A pessoa, seja criança, jovem, adulto ou idoso tem a possibilidade de construir seus conhecimentos através das danças que lhe são apresentadas. Na esteira desse pensamento recorremos a Verderi (2009) ao escrever que as danças no ambiente escolar precisam "[...] proporcionar oportunidades para que o(a) aluno(a) desenvolva todos os seus domínios do comportamento humano e, por meio de diversificações, o(a) professor(a) contribui para a formação de estruturas corporais [...]" (Verderi, 2009, p.123). No entanto isso

é possível de acordo com os modos como elas são desenvolvidas, a quais objetivos e anseios elas respondem.

As danças tratam, também, de um aparato cultural que possibilita que o(a) dançante consiga compreender suas bases culturais, além de resgatar elementos próprios da sua personalidade. Elas aproximam os estudantes da escola *"[...] por estarem praticando uma atividade prazerosa através delas [...]" (M.O.P.).* Isso porque, as danças *"[...] são os gestos e movimentos que o corpo executa movidos por um sentimento, pela emoção [...]" (M.O.P.),* uma forma manifestada de vivência e afetação, basilares às artes, em específico, às danças (Marques, 2019)

Tal ocorrência é possível pelo contato com o lado mais profundo do humano através da expressão artística. Nessa lógica a pessoa se expressa e se torna capaz através da arte que produz e que lhe devolve toda a sua potencialidade de viver e de se realizar plenamente. As danças de modo geral são formas de arte que se utilizam dos corpos em movimento como "[...] meio de expressão, criação e comunicação [...] capaz de liberar sentimentos e emoções e, sobretudo, refletir manifestações culturais, transformando-se em linguagem social [...]" (Batista, 2000, p.45). Contudo pensamos ser necessário que os sujeitos dançantes estabeleçam, de todas as formas possíveis, modos de comunicar com seus corpos.

"Através da prática da dança são desenvolvidas uma série de habilidades, como atenção, concentração e disciplina, além de aproximar o aluno da escola. A dança ensina limites, valores e a união entre as pessoas. A dança é mais do que um conjunto de movimentações conduzidas por uma música [...]" (M.O.P.). Assim, a função social das danças como ação e prática nas escolas busca o desenvolver formas de expressão corporal do(a) aluno(a) como um recurso que se utiliza do corpo em movimento ao estimular sentimentos e emoções, que auxiliam na integração social do sujeito se ao perceber como ator social (Marques, 2010).

Essa proposta apresenta a busca de práticas dançantes coerentes com a realidade escolar, onde as danças como dinâmicas culturais buscam desenvolver os corpos, a fim de que se exercitem de acordo com as suas necessidades e condições motoras ao estimular processos de aquisição do conhecimento. É um jogo de



aprendizagens em que as relações *"[...] envolvem disciplina, dedicação, comprometimento, valores e relações interpessoais. Motiva e desenvolve uma identidade com a escola e com as pessoas que formam esse espaço [...]" (L.S.S.).* Logo, "[...] por entre a porosidade das práticas e a vigilância crítica da Pedagogia, constitui-se um campo tensional pelo qual circula a Educação" (Franco, 2016, p.548).

As danças na escola não são a arte do espetáculo, mas sim, educação por meio da arte (Dantas, 2010). E isso precisa estar explícito nos objetivos pedagógicos, principalmente no que diz respeito aos aspectos: afetivo, social e cultural. As escolas possuem "[...] o papel não de reproduzir, mas de instrumentalizar e de construir conhecimento em/através da dança, pois ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a Educação do ser social [...]" (Marques, 1997a, p.20).

Quando existe afetividade e confiança entre o(a) professor(a) e seus(suas) alunos(as), as aulas de danças possibilitam uma construção coletiva. Para Miller (2012) é preciso tomar como ponto de partida os saberes contexto-histórico-sociais de cada ambiente, para que as técnicas e os caminhos utilizados pelo(a) professor(a) tenham um significado na vida dos(as) estudantes. Ao dizer dessas influências no planejamento, Miller (2012) explicita que as relações interpessoais são fundamentais para o desenvolvimento de quaisquer atividades com danças, portanto, a afetividade e confiança são basilares para uma relação entre danças e Educação.

Como expos Freire (1996) "[...], nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo [...]" (Freire, 1996, p.26). Assim, o ensino das danças na escola deve estar relacionado diretamente com a vida das pessoas envolvidas, como uma parte integrante dos seus processos educacionais (Marques, 2019). Para tanto, conhecer a realidade fora dos muros da escola contribui para a relação aluno(a)-professor(a), ao possibilitar que o(a) professor(a) promova um trabalho artístico-educativo que irá

influenciar e refletir algumas estruturas das vidas dos(as) estudantes, na forma como se concebem, enquanto participantes das aulas de danças.

Fica a cargo do(a) professor(a) fazer usos da heterogeneidade a seu favor, buscar nos caminhos e trajetórias que irá proporcionar ao seu grupo, ao seu coletivo. Então é "[...] impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo pelos discentes, uma vez que essa relação é uma rua de mão dupla, pois ambos podem ensinar e aprender através das suas experiências [...]" (Siqueira, 2003, p.54). Percebemos que são diálogos possíveis de serem realizados pelos corpos, por intermédio das danças, pelas vias do desenvolvimento de "[...] possibilidades e potencialidades de movimento e a consciência corporal para atingir objetivos relacionados com a educação, expressão corporal e artística [...]" (Barros, 2003, p.29).

É necessário questionar: quem é esse(a) professor(a)? Como ele(a) desenvolve as suas práticas dentro da escola? Alguns defendem a ideia de que o trabalho com danças devem ser um exercício de reprodução de passos sistematizados (Verderi, 2000), porém, prefiro destacar a ação criativa destes(as) profissionais. Então dialogamos com Cunha (2016) ao escrever sobre a dança criativa na escola que a reprodução não necessita ser uma premissa, ainda que ela possa ocorrer. Ademais a isso Cunha (2016) destaca que não importa o estilo nem a técnica, mas sim espera-se que o(a) dançante exercite, sempre, a sua capacidade criativa, porque, será provocado(a) a adaptar os conteúdos sob diferentes situações.

Frente ao exposto o papel da escola também é possibilitar o acesso à diversidade de manifestações do dançar, para que seja possível perceber os instigantes ambientes de aprendizagem que outras danças são capazes de oferecer, para além do contagiante apelo das danças da moda. No ensino das danças, é possível perceber que a ampliação do conhecimento dos(as) estudantes não significa negar o que está veiculado pela mídia, ao contrário disso, trazer para a sala de aula as danças da moda, pode tornar-se uma atitude de respeito ao aluno, ao seu cotidiano. Porém, existem professores(as) que resistem a propostas da dança como uma prática escolar, "[...] é porque desconhecem em seus corpos a linguagem da



dança, possibilidades, redes de relações e transformações. Transformar é saber/fazer dança que não é só movimento, é relação" (Marques, 2019, p.153).

Assim, as danças nas escolas proporcionam ao(a) estudante o desenvolvimento dos domínios do comportamento humano ao desenvolver suas expressividades e linguagens corporais ao recorrer ao movimento articulado com o caráter artístico algo que auxilia na integração social de cada aluno(a) (Marques, 2010). Quando existe uma relação de confiança entre professores(as) e alunos(as), as danças na escola possibilitam uma construção coletiva de muitas realidades, tendo como base os conjuntos contextuais que forjam a sala de aula.

Assim, pensar nas relações entre danças e Educação implica em relacionar as múltiplas facetas das vidas dos sujeitos, visto que são partes indissociáveis dos processos pedagógicos (Marques, 2011). *"A dança na escola estimula os(as) alunos(as) a buscarem um bom rendimento dentro da sala de aula [...] Quando existe a motivação em dançar, oportuniza um desempenho bem melhor na aprendizagem dos conteúdos. A dança na escola tem todo um trabalho pedagógico na aprendizagem do(a) aluno(a). A dança é a forma mais linda de expressar os sentimentos [...]" (J.A.F.).* As relações entre danças e Educação tendem a se estabelecer pelo viés sensível que conduz as manifestações artísticas (Verderi, 2009). Pensamos, então, que,

> [...] a dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos, movimentos livres [...], as possibilidades de trabalho do/para o aluno com sua corporeidade por meio dessa atividade (PEREIRA, 2014, p.61).

Assim, junto às demais manifestações artísticas, as danças possuem arcabouço para desenvolver habilidades intelectuais de todas as fontes, por meio dos métodos educativos. Relacionar danças e Educação parte da premissa que recorre aos processos imaginativos e imagéticos, pelos quais nos colocamos em experimentação no mundo e, mais que isso, por meio deles conferimos sentidos aos modos de ser e existir (Soares, 2021). Articulamos a esse pensamento a ideia de que os "[...] corpos que dançam são potenciais fontes vivas de criação e de

construção, de reconfiguração e de transformação dos cotidianos" (Marques, 2011, p.32). Isso tudo por meio das linguagens e processos expressivos de comunicação (Nanni, 2003).

Ao pensar nas danças, enquanto um componente do currículo escolar percebemos que ao serem aprofundadas podem motivar os(as) estudantes a vivenciarem meios de fruição orientados por três atitudes basilares: assistir, produzir e experimentar (Rolfe; Harlow, 1997). Esses pensamentos apontam que quando se fala de Brasil, nem todos os(as) estudantes possuem acesso a diferentes tipos de danças, seja para ver ou praticar. Desse modo, as danças em contexto escolar, em alguma medida, podem auxiliar na produção e resgate cultural ao proporcionar acesso a múltiplas experiências e oportunidades pela experimentação das mesmas, em diferentes espaços, nos quais elas acontecem.

Contudo esses contextos não são neutros, tampouco, naturais, logo eles necessitam de espaços para experimentação em danças. Como escreveu Marques (1997), são espaços que, por lei, precisam ser produzidos pelos campos da Educação, isso porque, configuram um direito não só educacional, mas social, de saúde e lazer dos sujeitos. Ao firmar esses escritos reivindicamos lugares em que as relações entre danças e Educação sejam ainda mais potencializadas (quando existentes), bem como sejam oportunizados e produzidos nos diferentes espaços educacionais, sejam eles formais ou não formais e cada vez mais configurem os currículos escolares.

As danças são uma busca sobre as possibilidades e os limites de cada pessoa, constituindo-se através de determinações históricas, sociais e culturais que nos afetam, produzindo novas linguagens e maneiras diferentes do corpo se manifestar e interagir. O que afeta nosso corpo ao longo da nossa trajetória de ser e estar no mundo, é o que nos permite construir o próprio espaço, tecendo caminhos que tenham sentidos próprios, criando a dança a partir da própria experiência. "É o corpo dizendo em movimento o que é no enquanto e por enquanto [...]" (Hass; Garcia, 2006, p.95).

Falar de sujeito, de experiência, de memória e história em dança é abordar a sua própria existência evidenciando todo um processo de criação e construção. As danças dizem muito sobre os sujeitos e suas inquietações, onde cada um de nós têm as suas peculiaridades sendo movido por diversos motivos e provocações. Trazer o sujeito e suas experiências em dança é uma maneira de apresentar as singularidades de cada um(a), instigando as motivações e potencialidades que cada corpo, inserido em cada contexto escolar, junto à variedade de referenciais que foram se emoldurando e ramificando no decorrer do caminho de cada um e de cada uma.

Por fim, segundo as professoras e os oficineiros, as danças podem ser relacionadas aos campos da Educação por desenvolverem-se de modo multifatorial e multissensorial. Ensinar danças requer afetividade e respeito, fatores que incidem sobre a formação de caráter (abordagem psicossocial), pois estão estruturadas sobre noções de prazer, sentimento e emoção dos sujeitos praticantes. Por essas razões as relações entre danças e Educação atuam na produção de identidades dos(as) estudantes. Ademais a isso, as danças possuem muitos saberes e modos de serem acionados, ensinados e desenvolvidos. Elas possibilitam acessar muitos conhecimentos, produzem e educam corpos (educação motora), bem como estimulam autoconhecimento e olhares de outros sujeitos. Trabalhar com danças, pressupõe aprendizados em equipe e desenvolvimento pessoal.

Entre cenas e palcos: a coreografia que fica das relações entre danças e Educação

Ao propor um estudo que investiga as danças na escola através de um festival artístico, evidenciamos modos de olhar para essas manifestações, nesses ambientes. Partimos da paixão por essa arte, envoltos em certezas e modos como vivenciamos as danças, ao longo da vida. Entramos nessa pesquisa com muitos saberes, contudo, aprendemos formas de afetos que constituem essa arte e linguagem dos corpos ao deparar-nos com outras possibilidades e caminhos, que partiram de dentro de ambientes escolares, através de uma referência, o FDE, que é

uma realidade entre as escolas de educação básica, principalmente, da rede municipal do Rio Grande/ RS.

Estabelecemos reflexões sobre as danças, suas trajetórias e como se estrutura uma coreografia. As danças, acontecem na interação entre sujeitos: público e intérpretes, ao oportunizarem a produção de múltiplos significados às propostas cênicas e aos movimentos corporais apresentados. Danças "[...] que, mesmo sendo parte da vida desde seus primórdios, com o passar do tempo vai ganhando outros contornos, vai servindo a um mercado cultural" (Kropeniscki; Kunz, 2020, p.14). Danças que se utilizam de aspectos subjetivos, que ao serem acionados transmitem, pela via das interpretações, expressões do sensível traduzidas em movimentos, como, por exemplo: medos, tristezas e alegrias, transformando-os em gestos e expressão.

Percebemos a importância da trajetória, pois é ela que nos possibilitou ampliar o olhar e a sensibilidade de analisar as narrativas dos sujeitos, representados aqui pelos(as) professores(as) e instrutores(as), ao expressarem seus modos de vivenciar as danças. Essa oportunidade de realizar a pesquisa nos fez perceber o quanto as danças permitem aos sujeitos falarem de si, de suas experiências. Nesse sentido, mover as memórias, os saberes e experiências que envolvem as danças vividas por nós e pelos(as) colaboradores(as) implica "[...] uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro [...]" (Josso, 2010, p.37).

As danças, como atividade pedagógica estão sendo construídas no contexto das escolas públicas municipais do Rio Grande, através dos(as) alunos(as), professores(as), gestores(as) e comunidade escolar, enquanto processo de formação de Educação, Arte e Cultura. Ao compartilhar os achados desta pesquisa, acreditamos que outros(as) profissionais das danças possam se encorajar e se aprofundar no universo dessa prática no âmbito escolar, para além do ato de investigar. Tudo que escutamos e aprendemos com esses colaboradores nutre

nossas crenças de que as danças são um potente artefato educacional, isso porque, elas envolvem questões sociais e de vida para se desenvolver.

Sobre as danças, nos contextos escolares de Rio Grande/ RS, aprendemos que elas pressupõem uma gama de saberes, pois, são oriundas de inúmeras formas de pesquisa, uma vez que, envolvem experimentação, empiria e cientificidade. O FDE, evento anual propicia formas de intercâmbio entre sujeitas e as produções artísticas produzidas, sob o olhar e a sensibilidade de professores(as) e oficineiros(as), que participaram de todas as edições festival de 2017 a 2021, o que é um desafio, segundo os(as) entrevistados(as). Sempre tivemos em mente que o desafio seria grande, porque as danças, no contexto escolar, a partir do FDE já contam histórias ao trazer inúmeras participações, ao longo das edições.

Nas palavras dos(as) depoentes: as danças produzem e mobilizam nossas memórias e, por sua vez, agenciam modos de ser e estar no mundo, ao possibilitar modos de existência. Termos a premissa dessa ocorrência, algo que dialoga com outras áreas do conhecimento, que se alastra para além do território educativo e artístico o que compreende o papel social que essa arte representa na vida dos sujeitos. O fazer pedagógico dessas colaboradoras(es) possibilita que as danças ainda sejam vislumbradas nas escolas, pois, torna-as próximas dos(as) estudantes.

Verificamos que cada colaborador(a), estabelece a sua relação com as danças no território da Educação. Elas(es) apresentaram, de forma objetiva como desenvolve as suas práticas dançantes no contexto em que está inserido(a). Seja através de um projeto (no turno inverso ao da escola), como componente dentro da disciplina de Educação Física ou como uma realidade construída em função de outras temáticas, as danças pressupõem processos de ensino-aprendizagem, os quais operam pela via do conhecimento corporal, sociocultural e leituras estéticas que variam de múltiplos contextos. De uma forma ou de outra, as danças acontecem e se estruturam, além de permitir que os(as) envolvidos(as) tivessem condições de ansiar voos maiores para os seus trabalhos artísticos e para vida privada.

No decorrer da pesquisa, entendi que é exatamente o que está por trás de um evento, como o FDE, que me motivou a realizar esse estudo e que as realidades

distintas de cada um(a) dos(as) entrevistados(as) é que contribui para a riqueza de respostas obtidas a partir das minhas inquietações e motivações. As minhas experiências em dança, nas escolas municipais do Rio Grande, adquiridas ao longo do meu percurso como servidora municipal, buscando entender como professores(as) e instrutores(as) tecem relações entre as danças e a Educação, possibilitou a ressignificação das memórias correspondentes aos acontecimentos vividos nestes contextos. Pois, "[...] quando se muda de lugar [...], muda-se também o ângulo de onde se vê algo ou alguém [...]" (BRANDÃO, 2006, p.07).

A proposta de adentrar no universo escolar sob a ótica de pessoas inseridas nos seus contextos onde produzem e utilizam as danças nesses ambientes, me tornou expectadora e apreciadora de práticas e realidades dançantes. Nos caminhos do estudo tive o privilégio de entender todo o caminho percorrido até a finalização, ou seja, as coreografias apresentadas no FDE, ao longo das cinco edições realizadas. É preciso analisar a "[...] rede que propicia a inserção e o ensino da Dança nas escolas [...] visão sistêmica e relacional, capaz de identificar os diferentes agentes que tornam possível essa prática artística no ambiente escolar" (Corrêa; Santos, 2019, p.14).

O FDE atua como ponte ou motivadora para que as escolas se abram, ainda mais, às artes, de modo geral, pois, para além de fazer, é preciso ter espaço para divulgar e pôr para dialogar tudo o que se produz no interior das escolas. Assim sendo, consideramos que as danças escolheram os(as) entrevistados(as) deste estudo, no sentido que todos(as) são apaixonados(as) pelo trabalho dançante que desenvolvem nas suas escolas. Entendi que participar do FDE é um desafio, ao mesmo tempo, um motivador para continuar desenvolvendo e compondo as suas coreografias junto aos seus alunos(as). É, portanto, o envolvimento num processo de construção de saberes em danças, através do FDE, que promove vivências coletivas de aprendizado, comprometido com o processo de criação e leituras das subjetividades e dos corpos com a experimentação das danças de modo criativo, crítico e investigativo.

Para finalizar anunciamos que essa escrita referenda um campo de possibilidades, um conjunto de narrativas que se limitam a contextos e saberes que dizem respeito a um coletivo de colaboradores. Além disso, elas são resultantes de condições de análises que derivam de leituras que conseguimos realizar. Dito isso, destacamos que as limitações dessa pesquisa estão alocadas nas nossas condições e escolhas e atitudes. Para além disso, esse artigo deixa cortinas entreabertas para outros estudos, como por exemplo: questões sociais, de raça, de gênero, de sexualidade, de interculturalidades, de criação e estética artística em danças e festivais competitivos ou não, nos quais as relações entre danças e Educação são produzidas, acionadas e estreitadas por diferentes razões e campos de saberes.

Repertórios:

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo. [*Trad.] PINHEIRO, L. A. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, Joseane Maria de C. Considerações sobre o estágio na formação do profissional de Educação Física. *Revista Educação Física,* Rio de Janeiro, v. 2, n. 8, p. 28-31, 2003.

BATISTA, Soely Soares dos Santos. Teoria Critica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação*. Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 73, p. 182-204, dez. 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, C.R.; STRECK, D.R. [Orgs]. *Pesquisa Participante:* o saber da partilha. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 21-54.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 1996.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Políticas Educacionais e Pesquisas Acadêmicas sobre Dança na Escola no Brasil: um movimento em rede. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*. 2019, v. 9, n. 1.

CUNHA, Vivian Cafaro. *Currículo Mínimo*: clausura ou legitimação do ensino de dança na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de Artes Cênicas) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DANTAS, Estélio. *Pensando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shope, 2010.

FERNANDES, Ciane. *O corpo em movimento:* o sistema Laban/ Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2006.

FERRAZ, Thais Gomes. Cotidiano e dança na periferia: reflexões para uma prática educativa. *Pensar a Prática*, 6, pp. 117-138. 2003.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Rev. Bras. Estud. Pedagog*., Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, dez. de 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAAS, Aline; GARCIA, Angela. *Ritmo e Dança.* Canoas: Ulbra, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para si.* [Trad.] POZZER, A., [Rev.] ABRAHÃO, M. H. M. B. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

KLEINUBING, Neusa Dendena; SARAIVA, Maria do Carmo. Educação física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. *Movimento,* 15(4), pp. 193-214. 2009.

KROPENISCKI, Fernanda Battagli; KUNZ, Elenor. Dança: caminho de possíveis (re)encontros com o brincar e se movimentar. *Movimento.* 2020, v.26

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Interações*: crianças, danças e escola. Editora Edgar Blucher Ltda, São Paulo, 2019.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Dançando na escola***.** São Paulo: Cortez, 2012.

MARQUES, Isabel Azevedo. Notas sobre o corpo e o ensino de dança. *Caderno Pedagógico*, Lajeado, v.8, (nº 1), pp. 31-36. 2011.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Linguagem da dança: arte e ensino*. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel Azevedo. Práticas de dança na escola. In: MARQUES, Isabel Azevedo*. Dançando na escola*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007. P. 15-33.

MARQUES, Isabel Azevedo. *Ensino da dança hoje*: Textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

MARQUES, Isabel Azevedo. Dançando na escola. *Motriz*, 3(1), 20-28. 1997a.

MARQUES, Isabel Azevedo. A dança criativa e o mito da criança feliz. *Revista Mineira de Educação Física*. Vol.05, nº 01, 1997b.

MILLER, Jussara. *Qual é o corpo que dança?* São Paulo: Summus, 2012.

MORANDI, Carla Silvia Dias. A dança e a educação do cidadão sensível. In: MORANDI, C.S.D.; STRAZZACAPPA, M. *Entre a arte e a docência*: formação do artista da dança. Campinas: Papirus; 2006. p.71-125.

NANNI, Dionísia. *Dança educação*: pré-escola a universidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

OSSONA, Paulina. *A Educação pela dança*. São Paulo: Summus, 1988.

PALUDO, Luciana. *A dança como um movimento em direção ao Outro*. Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre, 2007.

PEREIRA, Sybelle Regina Carvalho. Dança na escola: desenvolvendo a emoção, a imaginação e o pensamento. *Kinesis*, *[S. l.]*, n. 25, 2014.

ROLFE, Linda; HARLOW, Mary. *Let's look at dance*. London: David Fulton, 1997.

SETENTA, Jussara. *O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade*. Salvador: Edufba, 2008.

SIQUEIRA, Denise. *Relação professor-aluno: uma revisão crítica.* São Paulo: Autores Associados, 2003.

SOARES, Rodrigo Lemos. "*É um mal de Amor":* narrativas que forjam uma Educação quimbandeira/ Rodrigo Lemos Soares; Denise Marcos Bussoletti, orientadora. – Pelotas, 2021. 170f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

TADRA, Debora. *Linguagem da dança.* Curitiba: Intersaberes, 2012.

TIBURI, Márcia; ROCHA, Thereza. *Diálogo/Dança*. São Paulo. Editora Senac, 2012.

ULLMANN, Lisa. Prefácio à segunda edição. In: LABAN, R. *Domínio do Movimento,* 5ª ed. [Org.] ULLMANN, L. são Paulo: Summus, 1985.

VERDERI, Erica. *Dança na escola*. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

VERDERI, Erica. *Dança na escola*: uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

ZAGONEL, Bernardete. *Arte na educação escolar***.** Curitiba: Intersaberes, 2012.